

## **A Literatura Clássica na Formação Humana e Educacional: relações entre historicidade, cultura e educação**

## **Classical Literature in Human and Educational Formation: relations between historicity, culture, and education**

## **La Literatura Clásica en la Formación Humana y Educativa: relaciones entre historicidad, cultura y educación**

Viviane da Silva Batista<sup>1</sup>

Danielle Cardoso do Carmo<sup>2</sup>

Lilian Fávaro Alegrâncio Iwasse<sup>3</sup>

### **Resumo**

O artigo analisa as contribuições da Literatura clássica para a formação humana e educacional, destacando sua relação com a historicidade, a cultura e o desenvolvimento crítico dos sujeitos. Parte-se da compreensão de que a Literatura, ao articular imaginário, memória histórica e experiência social, exerce papel formativo essencial na constituição da sensibilidade, da reflexão e da consciência cultural. O estudo organiza-se em duas dimensões: a primeira discute as relações entre Literatura, história e formação humana, evidenciando como a obra literária expressa e interpreta a experiência humana ao longo do tempo; a segunda analisa as potencialidades da Literatura clássica na formação humana e educacional, abordando sua relevância cultural, crítica e pedagógica, bem como suas implicações para a prática docente. A pesquisa, de natureza bibliográfica, fundamenta-se em referencial que concebe a Literatura como patrimônio cultural e instrumento formativo. Os resultados indicam que a leitura dos clássicos amplia a compreensão histórica e cultural, promove a formação crítica e fortalece os processos educativos, contribuindo indiretamente para uma prática docente mais fundamentada e consciente.

**Palavras-chave:** Literatura clássica. Formação humana. Educação. Historicidade. Cultura.

### **Abstract**

<sup>1</sup> Doutora em Educação (UEM). Docente do Colegiado de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Ensino: Formação Docente Interdisciplinar (PPIFOR), da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), Campus de Paranavaí. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação: teoria e prática (GEPE/UNESPAR). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1271151080789859>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2126-7778>. E-mail: [viviane.batista@jes.unespar.edu.br](mailto:viviane.batista@jes.unespar.edu.br).

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia (UNESPAR). Bolsista de Iniciação Científica, Fundação Araucária (FA). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação: teoria e prática (GEPE/UNESPAR). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1092565859669702>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-2833-4942>. E-mail: [cardosodanielle185@gmail.com](mailto:cardosodanielle185@gmail.com).

<sup>3</sup> Doutoranda em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (UEM), Doutora em Ensino - Educação para a Ciência e a Matemática (UEM). Professora Colaboradora Universidade Estadual do Paraná, Campus Paranavaí. Professora SEED/PR. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7432731201234850>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3638-4718>. E-mail: [coorndlilianfavarao@gmail.com](mailto:coorndlilianfavarao@gmail.com).

This article analyzes the contributions of Classical Literature to human and educational formation, highlighting its relationship with historicity, culture, and the critical development of individuals. It is based on the understanding that Literature, by articulating imagination, historical memory, and social experience, plays an essential formative role in shaping sensitivity, reflection, and cultural awareness. The study is organized into two dimensions: the first discusses the relationship between Literature, history, and human formation, showing how literary works express and interpret human experience over time; the second examines the potential of Classical Literature in human and educational formation, addressing its cultural, critical, and pedagogical relevance, as well as its implications for teaching practice. This bibliographic research is grounded in theoretical perspectives that conceive Literature as cultural heritage and a formative instrument. The results indicate that reading classical works broadens historical and cultural understanding, promotes critical development, and strengthens educational processes, indirectly contributing to a more informed and reflective teaching practice.

**Keywords:** Classical literature. Human formation. Education. Historicity. Culture.

### Resumen

El artículo analiza las contribuciones de la Literatura clásica a la formación humana y educativa, destacando su relación con la historicidad, la cultura y el desarrollo crítico de los sujetos. Se parte de la comprensión de que la Literatura, al articular imaginación, memoria histórica y experiencia social, desempeña un papel formativo esencial en la constitución de la sensibilidad, la reflexión y la conciencia cultural. El estudio se organiza en dos dimensiones: la primera discute las relaciones entre Literatura, historia y formación humana, evidenciando cómo la obra literaria expresa e interpreta la experiencia humana a lo largo del tiempo; la segunda analiza las potencialidades de la Literatura clásica en la formación humana y educativa, abordando su relevancia cultural, crítica y pedagógica, así como sus implicaciones para la práctica docente. La investigación, de naturaleza bibliográfica, se fundamenta en un marco teórico que concibe la Literatura como patrimonio cultural e instrumento formativo. Los resultados indican que la lectura de los clásicos amplía la comprensión histórica y cultural, promueve la formación crítica y fortalece los procesos educativos, contribuyendo indirectamente a una práctica docente más fundamentada y consciente.

**Palabras clave:** Literatura clásica. Formación humana. Educación. Historicidad. Cultura.

### Introdução

A Literatura constitui uma das mais ricas expressões da experiência humana, articulando imaginação, sensibilidade, memória e reflexão. Para além do domínio estético, a obra literária preserva registros simbólicos e culturais que permitem ao leitor compreender modos de vida, valores, tensões e transformações que marcaram diferentes períodos históricos. Essa capacidade de representar e interpretar a realidade confere à Literatura um caráter profundamente formativo, essencial ao desenvolvimento humano, crítico e cultural. Nesse contexto, a Literatura clássica ocupa lugar privilegiado. Por atravessar gerações e conservar marcas históricas e culturais, os clássicos ampliam a compreensão do mundo e promovem uma leitura mais profunda da experiência humana. Seu valor formativo reside na capacidade de despertar reflexão, estimular a imaginação, desenvolver a sensibilidade e fortalecer a consciência histórica. Essas dimensões tornam os clássicos recursos importantes para a formação humana e educacional, repercutindo também na formação docente, ainda que esta não constitua o foco central da análise, mas sim uma consequência de seu potencial formativo mais amplo (Batista et al., 2022).

Diante dessas considerações, este estudo tem como objetivo geral analisar as contribuições da Literatura clássica para a formação humana e educacional, destacando suas relações com a historicidade, a cultura e os processos formativos. Para atender a esse propósito, definem-se dois objetivos específicos: (1) discutir as relações entre Literatura, história e formação humana, evidenciando como a obra literária expressa e interpreta a experiência humana ao longo do tempo; e (2) analisar a contribuição da Literatura clássica para a formação humana e educacional, enfatizando seu papel na ampliação da consciência histórica, cultural e crítica dos sujeitos e suas implicações para a prática pedagógica.

Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa de natureza bibliográfica, fundamentada na análise de autores que concebem a Literatura como patrimônio cultural, instrumento formativo e expressão histórica da experiência humana. O estudo desenvolve-se por meio da leitura, seleção e análise de referenciais teóricos clássicos e contemporâneos, articulando-os de modo crítico para sustentar as reflexões propostas. Assim, o problema de pesquisa que orienta este artigo consiste em compreender de que modo os clássicos contribuem para ampliar a consciência histórica, cultural e crítica dos sujeitos, fortalecendo processos educativos e repercutindo na prática pedagógica. Para tanto, o texto organiza-se em duas seções principais, em conformidade com os objetivos formulados. Na primeira seção, discute-se a relação entre Literatura, história e formação humana, considerando o papel dos textos literários na representação da experiência social e no desenvolvimento da reflexão crítica. Na segunda, examinam-se as potencialidades formativas da Literatura clássica, com ênfase em suas dimensões culturais, críticas e pedagógicas, bem como nas implicações que tais contribuições podem ter para a educação e, como desdobramento, para a atuação docente. Por fim, apresentam-se as considerações finais derivadas da análise teórica realizada.

### **Literatura, História e Formação Humana: fundamentos teóricos e relações formativas**

A Literatura é construída a partir das produções humanas e nos vale como estímulo ao desenvolvimento emocional, cognitivo e social. Ainda que ela tenha um caráter fantasioso, desperta o intelectual, pois “[...] provoca no leitor um efeito duplo: aciona sua fantasia, colocando frente a frente dois imaginários e dois tipos de vivência interior [...]” e, para além disso, “[...] suscita um posicionamento intelectual, uma vez que o mundo representado no texto, mesmo afastado no tempo ou diferenciado enquanto invenção, produz uma modalidade de reconhecimento em quem lê” (Zilberman; Silva, 1990, p. 19).

Ainda que permeada pelo imaginário, a Literatura tende a ser construída com base no concreto, partindo da realidade para o fantasioso e, portanto, ao possibilitar a aproximação entre o que se lê e o que se vive ou foi vivido pela humanidade, ela possibilita também o entendimento da

organização social, dos pensamentos, dos ambientes, dos momentos e contextos históricos reais, nos valendo como uma ligação entre o deleite imaginativo e os pontos reais que o texto porventura aborde, ainda que isso se dê inconscientemente.

Nessa perspectiva, a Literatura “[...] serve para ilustrar em profundidade a função integradora e transformadora da criação literária com relação aos seus pontos de referência na realidade”, ou seja, paralelamente “[...] a evocação dessa impregnação profunda mostra como as criações ficcionais e poéticas podem atuar de modo subconsciente e inconsciente, operando uma espécie de inculcamento que não percebemos” (Candido, 1972, p. 805). Esse processo não diminui a autonomia da obra literária; ao contrário, evidencia que sua força simbólica atua para além da intenção consciente do leitor. Assim, a Literatura não apenas reflete a realidade, mas participa ativamente de sua construção, moldando percepções, sensibilidades e modos de compreender o mundo.

Logo, a natureza literária é, em sua essência, formativa, visto que “[...] afeta o consciente e o inconsciente dos leitores de maneira bastante complexa e dialética, como a própria vida, em oposição ao caráter pedagógico e doutrinador de outros textos” (Candido, 1972, p. 805). Portanto, a formação por ela promovida rompe com a formação padronizada pela classe dominante, “[...] a Literatura pode formar; mas formar não segundo a pedagogia oficial, que costuma vê-la pedagogicamente como um veículo da tríade famosa – o Verdadeiro, o Bom, o Belo, definidos, conforme os interesses dos grupos dominantes, para reforço da sua concepção de vida”. Logo, “Longe de ser um apêndice de instrução moral e cívica, ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela, - com altos e baixos, luzes e sombras” (Candido, 1972, p. 805).

Essa função formativa é muito pertinente a esta análise, pois evidencia nosso objeto de estudo. É oportuno lembrarmos ainda que a Literatura não alimenta apenas o intelecto, aquece também a alma, o espírito. Ao mesmo tempo em que oferta ao leitor vocabulário, interpretação, desenvolvimento cognitivo, melhores condições de escrita, maior subjetividade, valorização das emoções, senso crítico e reflexivo, confere-lhe sensibilidade, permitindo o surgimento de inquietações diante da realidade posta, bem como a intensificação da criatividade e a emancipação individual e coletiva, pois na medida em que o leitor se torna capaz de ler nas entrelinhas dos textos, também se torna capaz de inferir em sua realidade, de estabelecer reflexões, comparações e tomar decisões mais acertadas de acordo com o seu próprio pensamento e senso de análise. Portanto, a Literatura humaniza, visto que configura um “[...] processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais [...]”, a exemplo: “[...] o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor”,

isto é, “A Literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (Candido, 1995, p. 249).

Esse caráter humanitário, sensível, dinâmico e inquietante é o responsável por gerar indagações e dúvidas, posto que a curiosidade é inerente ao homem. Nesse sentido, a Literatura então o ajuda a sanar essas inquietações, pois seja ela clássica ou contemporânea, preserva suas características e propõe distintas concepções de mundo, posto que envolve em algum momento o real, seja partindo dele ou recriando-o aos olhos da imaginação (Batista *et al.*, 2022).

É preciso observar que a Literatura conserva sua complexidade, dado que, a nosso ver, nunca está acabada: completa-se por meio de reflexões e inferências pessoais, existenciais, filosóficas e sociais do leitor, aprimorando-o enquanto indivíduo e parte do todo social. A ela compete, dentre outros fatores, a emancipação – seja essa de cunho social, religioso, político ou mesmo pessoal; o que de fato modifica a visão de mundo, atualiza as concepções, derruba mitos e influencia no comportamento social e na formação integral do indivíduo.

Em síntese, os aspectos positivos da Literatura para a formação humana não se restringem apenas ao sujeito/leitor, afetam também aqueles que estão próximos ou que, mesmo não tendo contato direto com a Literatura verbal, são influenciados pela oralidade ou exemplo comportamental, por isso acreditamos na premissa de que o exemplo também educa e ensina, sendo capaz de atingir o coletivo por meio do individual. Na perspectiva do filósofo búlgaro Todorov (2010), a Literatura é uma ferramenta social e dinâmica que promove experiências e a diversidade do conhecimento, pois os livros:

[...] acumulam a sabedoria que os povos de toda a terra adquiriram ao longo dos séculos. É improvável que a minha vida individual, em tão poucos anos, possa ter tanta riqueza quanto a soma de vidas representada pelos livros. Não se trata de substituir a experiência pela Literatura, mas multiplicar uma pela outra. Não lemos para nos tornar especialistas em teoria literária, mas para aprender mais sobre a existência humana. Quando lemos, nos tornamos antes de qualquer coisa especialistas em vida. Adquirimos uma riqueza que não está apenas no acesso às idéias, mas também no conhecimento do ser humano em toda a sua diversidade (Todorov, 2010, p. 38-39).

Por ser uma das fontes de acesso ao conhecimento produzido historicamente pela humanidade, a Literatura nos serve de suporte cultural para exploração e desenvolvimento intelectual, cognitivo e subjetivo, dando-nos sustentação para a vida prática. Para tanto, é *mister* que haja leitura e que essa não seja realizada de maneira automática, mas crítica, comprometida, atenta, reflexiva, dialética. Desse modo:

Se o conceito de leitura está geralmente restrito à decodificação da escrita, sua aprendizagem, no entanto, liga-se por tradição ao processo de formação global do indivíduo, à sua capacitação para o convívio e atuações social, política, econômica e

cultural. Saber ler e escrever, já entre gregos e romanos, significava possuir as bases de uma educação adequada para a vida, [...] possibilitando ao cidadão integrar-se efetivamente à sociedade. [...] apesar de séculos de civilização, as coisas hoje não são muito diferentes. Muitos educadores não conseguiram superar a prática formalista e mecânica, [...] Prevalece a pedagogia do sacrifício, do aprender por aprender, sem se colocar *o porquê, como e para quê*, impossibilitando compreender verdadeiramente a função da leitura, o seu papel na vida do indivíduo e da sociedade (Martins, 2003, p. 22-23, grifo da autora).

A importância e a necessidade em saber ler vão além da decodificação de símbolos, não basta saber ler, é preciso interpretar e inferir com a leitura produzida, primando pelo entendimento, compreensão e qualidade naquilo que se lê. O mesmo se aplica aos estudos dos clássicos.

Os clássicos, sejam eles antigos ou modernos, buscam evidenciar um contexto, que permeia toda a narrativa como um pano de fundo, e que, paralelamente ao enredo, nos possibilita assimilar fatos históricos atrelados ao comportamento social, costumes, cultura e linguagem próprias da época em que a obra está situada. Mas, o que devemos entender por “clássicos”?

Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes). Isso vale tanto para os clássicos antigos quanto para os modernos (Calvino, 2007, p.11).

Em relação a definição do termo aludido, Oliveira e Mendes (2010) ponderam que:

Em uma determinada época, nos diferentes campos do conhecimento e da arte, surgem autores que se destacam dentre os seus contemporâneos e permanecem como uma referência para as gerações seguintes. É verdade que algumas vezes o reconhecimento não ocorre na vida do autor. Mas, a partir de dado momento tornam-se aquilo que denomina ‘um clássico’ (Oliveira; Mendes, 2010, p. 8).

Já na concepção de Saviani e Duarte (2012):

[...] clássico é aquilo que resistiu ao tempo, tendo uma validade que extrapola o momento em que foi formulado. Define-se, pois, pelas noções de permanência e referência. Uma vez que, mesmo nascendo em determinadas conjunturas históricas, capta questões nucleares que dizem respeito à própria identidade do homem como um ser que se desenvolve historicamente, o clássico permanece como referência para as gerações seguintes que se empenham em aprimorar-se das objetivações humanas produzidas ao longo do tempo (Saviani; Duarte, 2012, p. 31).

A discussão sobre a definição do termo “clássico” é extensa, permeada por vertentes teóricas diferentes, mas é possível perceber que os autores supracitados concordam sobre a sua atemporalidade e a importância social. É nessa perspectiva que Calvino (2007, p. 16) afirma que “[...] os clássicos servem para entender quem somos e aonde chegamos” ao longo de nossa trajetória histórica. Entendemos que os livros clássicos são obras que chegam até nós por experiências e leituras

anteriores, ou seja, com marcas culturais e sociais que atravessaram gerações, linguagens e costumes. Os autores clássicos foram capazes de apreender as questões de sua época e aprofundá-las em suas produções literárias, por isso consideramos a importância dessas obras para a formação humana e educacional, uma vez que elas nos permitem compreender as nossas inquietações passadas e atuais.

Ainda sobre essa questão, Calvino (2007) redige e defende quatorze bons motivos para se ler os clássicos, remete-nos à importância da leitura e do entendimento da obra clássica como apanhado simbólico e rica fonte de conhecimentos sobre todo um contexto, quiçá sobre até mais de uma geração; mantendo-se, portanto, útil ao intelecto ou ao espírito, ainda que o tempo tenha passado:

O clássico não necessariamente nos ensina algo que não sabíamos; às vezes descobrimos nele algo que sempre soubéramos (ou acreditávamos saber) mas desconhecíamos que ele o dissera primeiro (ou que de algum modo se liga a ele de maneira particular). E mesmo esta é uma surpresa que dá muita satisfação, como sempre dá a descoberta de uma origem, de uma relação, de uma pertinência (Calvino, 2007, p. 11).

As obras clássicas mostram que muito do que nos é apresentado como ideias novas, advindas da criatividade do homem moderno, nada mais é do que a repaginação de ideias antigas, a modernização de conceitos já difundidos antes, de fragmentos de pensamentos, debates e experiências anteriores. No entanto, configuram mais que revisões sobre esse ou aquele fato ou objeto, sobre esta ou aquela tradição ou situação. Trazem em si, em suas linhas e entrelinhas, a gênese e a explicação para objetos, problemáticas, relações, comportamentos, organizações sociais, econômicas, políticas, religiosas e educacionais que ainda hoje mantemos ou que nos mantêm prisioneiros, sem que, na maioria das vezes, sequer conheçamos sua origem, quando, como, porquê, o que ou quem iniciou tal processo, dado que geralmente tendemos a naturalizar o que nos está posto. Essa tênue linha entre o real e o imaginário dentro do clássico literário remete-nos ao cuidado que devemos ter em relação à temporalidade:

O dia de hoje pode ser banal e mortificante, mas é sempre um ponto em que nos situamos para olhar para frente ou para trás. Para poder ler os clássicos, temos de definir “de onde” eles estão sendo lidos, caso contrário, tanto o livro quanto o leitor se perdem numa nuvem atemporal. Assim, o rendimento máximo da leitura dos clássicos advém para aquele que sabe alterná-la com a leitura de atualidades numa sábia dosagem. E isso não presume necessariamente uma equilibrada calma interior: pode ser também o fruto de um nervosismo impaciente, de uma insatisfação trepidante (Calvino, 2007, p.14-15).

Nesse sentido, a analogia entre passado e presente requer certo equilíbrio, mas geralmente é resultado de inquietações, da necessidade de entender o presente, de compreender como e por que nossa sociedade se estrutura como conhecemos. Qual a gênese desse comportamento social?

Além de expressões artísticas, as obras clássicas são fontes de conhecimentos históricos que sustentaram e sustentam a teoria e a prática humana, por isso, certamente nos valem como meio para a compreensão do comportamento, da educação e da formação dos homens, dado que refletem e contextualizam o período histórico em que são cunhadas, estruturam ideias e análises reflexivas sobre as relações humanas, sejam elas sociais, históricas, educacionais, culturais, religiosas, econômicas, políticas ou de qualquer outra natureza.

De acordo com Batista *et al.* (2022), o estudo da Literatura clássica é um aporte para entendermos as questões históricas que sediam as transformações sociais, a educação, a formação e a organização humana em períodos distintos, portanto, os clássicos, a Literatura e a História são elementos que podem nos auxiliar a conhecer melhor o processo sociológico que muitos registraram, ao seu modo, mas sempre vislumbrando seu modelo social, sua realidade:

[...] o objeto da história é, por natureza, o homem. Digamos melhor: os homens. [...] o plural [...] convém a uma ciência da diversidade. [...] por trás dos escritos aparentemente mais insípidos e as instituições aparentemente mais desligadas daqueles que as criaram, são os homens que a história quer capturar (Bloch, 2001, p. 54).

E é com esse conceito sobre a ciência viva chamada história, com a compreensão da relevância da Literatura para o homem e com as contribuições e os valores histórico-sociais dos clássicos – tanto no momento em que ele escreve, pois trata-se de uma expressão legítima de suas problemáticas, seus anseios e realidade, quanto no momento em que ele lê, uma vez que o espaçamento temporal entre a produção literária e seu consumo pode não ser tão próximo.

A relação literária e histórica é importante ao ensino, pois a História e a Literatura têm em comum a preocupação com o homem, uma se atém em compreender a origem, o passado, a transformação humana e contribuir para um pensar e agir mais consciente, a outra em divertir, instruir, politizar. Ambas são feitas pelos homens para os homens, abordam as transformações sociais e naturais e, discutem a realidade (direta ou indiretamente) em seus aspectos natural, cultural, social, econômico, político:

Indiscutivelmente, a Literatura é uma parte muito significativa do patrimônio cultural da humanidade, que precisa ser recuperada e preservada, pois é uma das formas de manutenção da identidade de uma nação. [...] É a característica dialógica dessa arte-retrospectiva na medida em que promove a manutenção da tradição (Paulino; Cosson, 2004, p. 66).

Assim, de acordo com esses autores, o momento histórico, meio social e a cultura estão intimamente relacionados à produção literária, por isso, quando o homem escreve, certamente procura

compreender ou expressar elementos relativos à sua existência, à sua experiência, ao seu entendimento da realidade e às suas problemáticas.

Ao pensarmos no homem sob a ótica sócio-histórica, perceberemos que são as relações históricas, culturais e sociais que ele estabelece com o meio que o situam socialmente. Essa interação nos leva a refletir sobre a apropriação humana da natureza, dado que as necessidades e os questionamentos fomentam o trabalho e este transforma a natureza. Todavia, não se trata de um processo individual, é realizado no plano da coletividade. Portanto, é na interação social, na vida coletiva e na comunicação estabelecida entre os grupos, que o homem se desenvolve, apropriando-se da cultura, comunicando-se com o outro, ampliando seu conhecimento.

A Literatura exemplifica situações de aprendizagem, conferindo ao homem novas perspectivas e experiências. Assim, ao discutir a educação comportamental, os autores exploram e discutem, por intermédio de suas personagens, os elementos resultantes do convívio em sociedade, agravados pelo fortalecimento comercial e pelo fluxo urbano. Esses elementos são assimilados pelo homem, que tanto por meio da interação com o outro quanto por intermédio literário julga-os como bons ou não, apreendendo-os ou repreendendo-os de acordo com sua concepção entre certo ou errado, ou ainda de acordo com influências externas.

Essa relação entre a Literatura e a história se justifica, em nosso entendimento, pela própria humanização do homem, por sua necessidade intelectual e cultural. Leonel (1998, p. 88) aponta que “[...], uma obra antes de resistir ao tempo e tornar-se clássica é uma obra histórica e continua sendo depois desse reconhecimento”, portanto os clássicos literários constituem, de forma representativa, os registros das relações humanas e da construção da nossa identidade histórico-cultural. Ponderemos ainda que essa associação entre as artes literárias e históricas torna-se fundamental ao mundo contemporâneo pelo combate à fragmentação dos saberes e, também em razão ao caráter interdisciplinar que a educação, de forma geral, tanto almeja, uma vez que essa discussão abrange os campos e ciências culturais, tais como a sociologia, a filosofia, a arte, a antropologia, a comunicação e, entre outras, até mesmo o próprio estudo historiográfico, primando sempre pela ampla formação humana e social.

Em face disso, partimos da perspectiva de que as produções clássicas nos valem como aporte para refletirmos e discutirmos a formação contemporânea, no que tange à educação sistematizada, ou seja, partimos do pressuposto de que, ao fundamentar e fortalecer a formação docente, privilegia-se a formação discente, ou seja, a formação intelectual, humana, social.

## **A Literatura Clássica na Formação Humana e Educacional: potencialidades críticas, culturais e pedagógicas**

A partir das reflexões desenvolvidas acerca das relações entre Literatura, historicidade e formação humana, especialmente à luz das contribuições de Calvino (2012), torna-se possível avançar para a análise das potencialidades específicas da Literatura clássica no campo da formação humana e educacional. Se, conforme discutido anteriormente, os clássicos se caracterizam por sua permanência histórica e por sua capacidade de dialogar com diferentes tempos e contextos culturais, importa agora compreender de que modo essas obras contribuem, de forma mais direta, para o desenvolvimento da consciência crítica, cultural e pedagógica dos sujeitos, bem como para os processos educativos contemporâneos.

Nessa perspectiva, ao se discutir a contribuição formativa dos clássicos, faz-se necessário explicitar a que tipo de obras se faz referência. No âmbito desta reflexão, comprehende-se como clássicas obras que, ao longo do tempo, mantiveram sua relevância cultural, estética e formativa, dialogando com diferentes contextos históricos e sociais. Nesse sentido, podem ser citadas, a título exemplificativo, produções como *A Odisseia*, de Homero, *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri, *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, *Hamlet*, de William Shakespeare, *Os Miseráveis*, de Victor Hugo, e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, entre outras. Essas obras expressam dilemas humanos universais e permanecem como referências formativas por sua densidade estética, histórica e crítica.

No que tange à ideia de complexidade em se ler e entender as produções clássicas, sabemos que nossa cultura está intimamente correlacionada aos aspectos sociais e financeiros, ou seja, nos deparamos com a questão do analfabetismo funcional, de modo que apenas uma modesta parcela populacional possui o hábito ou a capacidade desenvolvida de leitura interpretativa de textos mais complexos.

De fato, esse tipo de material exige do leitor uma posição crítica e habilidades para que as inferências textuais ocorram, assim como a compreensão e a apropriação do texto. Dentro dessa discussão, Perrone-Moisés (1998) explica que a sociedade contemporânea, sobretudo a brasileira, é mal vista em relação à prática da escrita e da compreensão literária, o que é efeito da falta do hábito de leitura. Além disso, essa postura ocasiona dificuldades de raciocínio, de entendimento e de interpretação da própria realidade. Perrone-Moisés (1998, p. 15) nos remete à crise literária, e refletindo sobre a Literatura fundamentada em valores culturais e morais, constata que “[...] a Literatura, que durante séculos ocupara um papel relevante na vida social, tornou-se cada vez menos importante”. Não que a produção literária esteja diminuindo, na verdade está a todo vapor, mas se tem priorizado os *Best-sellers* e sagas. São leituras válidas, mas não conduzem o sujeito à leitura integral, reflexiva e contínua, situam-no no campo da leitura momentânea e corriqueira, funcionando, segundo Gasparin (2011), como um mecanismo de resposta às necessidades postas e imediatistas,

quase sempre de forma superficial, sem priorizar a reflexão, fundamentação teórica ou a análise. O resultado é que o mercado investe e divulga “[...] o autor que está na moda, o último livro que foi lançado sobre o assunto, nem sempre tendo na devida conta o que traz de novo” (Gasparin, 2011, p. 37), enquanto os clássicos, por sua vez, são subjugados e acabam empoeirados.

Para Candido (1995), a falta de hábito de leitura da massa relaciona-se principalmente com a privação do acesso à leitura, e não com a incapacidade de ler e compreender os clássicos, pois ao negar o acesso popular aos clássicos, assim como às leituras mais polêmicas, valida-se o autoritarismo e a supremacia de uma parcela da sociedade sobre outra. Opondo-se à negação cultural em seu amplo conceito, o autor pondera que “[...] uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos e a fruição da arte e da Literatura em todas as modalidades e em todos os níveis como um direito inalienável” (Candido, 1995, p. 263). Feitas essas ponderações, percebemos que a Literatura clássica se configura como um elemento indispensável à formação, não se restringindo ao âmbito educacional, mas ampliando-se ao humano na medida em que nos vale como um meio de humanização, pois, o homem “[...] é um ser histórico, uma vez que suas características não são fixas e eternas, mas determinadas pelo tempo, que passa a ser constitutivo de si mesmo” (Luckesi, 1994, p. 110).

Souza (2004) explica a Literatura e estimula o desenvolvimento da subjetividade, levando os sujeitos a transporem suas experiências pelo registro da escrita, conferindo à leitura consciente e reflexiva a compreensão do homem enquanto homem, o ressignificando em sua própria vivência e existência. O autor cita as produções literárias, que possibilitam a reflexão moral e a humanização, especialmente por reforçar a essência humana, desenvolvendo “[...] em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante instigando” (Souza, 2004, p.144), e faz isso ao passo que nos orienta ao “[...] exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor” (Souza, 2004, p.144).

No decorrer da história, o próprio homem foi descobrindo, intensificando e se apropriando dessa função humanizadora ao aprender a importância da razão, das artes, do conhecimento acumulado pela humanidade, de sua produção, concepção e função no tempo e espaço histórico e da própria Literatura, que assim como o homem, também foi se desenvolvendo lentamente, acompanhando o progresso e a cultura humana, portanto, nessa “[...] perspectiva, um clássico em educação é um sinal, um testemunho de um ambiente intelectual, cultural, político e econômico que se expressa através de sua vida, vida que nos fala e aproxima de outras vidas” (Gasparin, 2011, p. 44).

Por tratar dessas expressões de vida, a natureza e função literária passam por metamorfoses de acordo com a época em que são produzidas, visto que ambas são sempre representações da realidade cultural e social do período em que se dão, historiando por meio da linguagem aquilo que os homens vivenciam na prática. Em relação à linguagem, sabemos de seu caráter social, e assim como Barthes (1978), percebemos a mesma como um objeto viabilizador das relações, bem como da análise das problemáticas pertinentes a toda sociedade ao longo da história; portanto, “[...] esse objeto em que se inscreve o poder, desde toda a eternidade humana, é: a linguagem – ou, para ser mais preciso sua expressão obrigatoria: a língua” (Barthes, 1978, p. 12). O estudioso observa então que a função da Literatura é justamente romper com a alienação e não se submeter ao poder, acreditando que é esse caráter libertário que confere à Literatura a condição de assumir novas ressignificações, de se perpetuar na história e nos contextos antigos, medievais ou modernos, tornando-se viva e oferecendo novas possibilidades.

As obras clássicas são necessárias ao processo de ensino, dados os ensinamentos trazidos por sua Literatura, de modo que não combatem o senso comum, mas partem dele, aprimorando-o por meio da cultura e do saber elaborado, pois:

A cultura elaborada, na medida em que é adquirida, por si, não suprime nem pode suprimir a cultura cotidiana, mas reelabora-a num novo patamar, num nível mais universal e consistente. [...] há uma continuidade e uma ruptura entre a vivência da cultura cotidiana e aquisição da cultura elaborada. Não se nega nem se destrói a cultura cotidiana; contudo, no processo de assimilação ativa da cultura elaborada, ela já não é ela mesma, mas sim algo novo; um novo entendimento e um novo modo de agir com o mundo (Luckesi, 1994, p. 139).

Na interpretação de Cândido (1972), a Literatura tem como função a representação do real, justificando, portanto, sua natureza humanizadora; logo, o real, tido aqui como um elemento subjetivo, não pode ser representado de forma plena, de modo que a “[...] fantasia quase nunca é pura. Ela se refere constantemente a alguma realidade: fenômeno natural, paisagem, sentimento, fato, desejo de explicação, costumes, problemas humanos, etc.” (Cândido, 1972, p. 82), ou seja, o universo literário é fomentado por esse vínculo entre a realidade e a fantasia. Já na ótica de Barthes (1978), a Literatura assemelha-se a uma utopia que comporta as ações da linguagem e da criatividade, considerando novas situações e contextos. Na concepção de Cândido, a Literatura é arte e, portanto:

[...] é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal da linguagem, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando em uma atitude de gratuidade (Cândido, 1972, p. 53).

Diante das contribuições desses autores, notamos que a história é uma ciência que trabalha com fatos e que a Literatura narra esses fatos, descontinuando as possibilidades da linguagem, ou seja, admitindo manipulação por parte da criatividade e imaginação, mas sem perder a essência da realidade. Barthes (1978) postula que a linguagem literária é que traça as representações reais para o plano literário, sem perder a conexão com a realidade, tampouco a essência contextual ou historiográfica. Aliás, ainda que a Literatura seja uma fonte de possibilidades, segundo Lajolo (1981), é preciso atentar para o fato de que a Literatura em si é resultado da realidade e experiências de seu autor. Logo, a Literatura estabelece vínculos com o universo real, mas se distancia dele em virtude de suas singularidades, como a liberdade de expressão e a estilização:

É a relação que as palavras estabelecem com o contexto, com a situação de produção da leitura que instaura a natureza literária de um texto [...]. A linguagem parece tornar-se literária quando seu uso instaura um universo, um espaço de interação de subjetividade (autor leitor) que escapa ao imediatismo, à predictibilidade e ao estereótipo das situações e usos da linguagem que configuram a vida cotidiana (Lajolo, 1981, p. 38).

No entendimento dessa autora, é a linguagem o fator determinante da obra como literária ou não literária. Cândido (1972), entretanto, preocupa-se mais com a função formadora e humanizadora da Literatura, capaz de estabelecer estruturas comportamentais e preencher as lacunas do processo de ensino e da formação humana. Concordamos com o autor, entretanto, infelizmente ocorre que, em nossa ótica, os valores difundidos nos livros clássicos estão hoje sobrepostos pela ideia de que os clássicos são acervos da élite e, portanto, inacessíveis ou ainda que não são úteis para a contemporaneidade e que sua leitura difícil seja pela intelectualidade ou vocabulário neles empregados.

Essa é uma questão que deve ser superada o quanto antes, porque os clássicos, ao compreenderem em si as marcas das expressões humanas e todo o conhecimento acumulado historicamente pela humanidade, garantem a diversidade da produção cultural e literária, posto que a associação da história e da Literatura da forma em que são abordadas nas obras clássicas correspondem “[...] a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo [...] nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza” (Souza, 2004, p. 151).

Por isso, a acessibilidade aos textos clássicos deve ser entendida como um direito natural do homem, que além de defendido e assegurado, deve ser pedagogicamente e criticamente explorado dentro das instituições escolares e acadêmicas, mas também extrapolá-las. Por isso, acreditamos que a educação, formal ou informal, é antes de tudo um processo coletivo, pois se desenvolve por meio da interação social, que, por sua vez, possibilita a efetivação das práticas de ensino e de aprendizagem.

Em relação à educação escolar, conforme assinala Saviani e Duarte (2012), essa nos vale na medida em que constitui condições indispensáveis à constituição da cidadania. E, partindo desta premissa, a escola e, portanto, os professores são elementos cruciais para assegurar o desenvolvimento científico, cultural e social. Nesse sentido, a prática docente relaciona-se intimamente com a formação humana, pois o que é apreendido por mediação escolar é exteriorizado socialmente, atingindo o plano coletivo. Logo, a qualidade da formação discente vincula-se à organização curricular, às propostas e as teorias pedagógicas, que são responsáveis pela efetivação do ensino e consequentemente pela formação humana e cultural do sujeito. Essa formação a que nos referimos é, no entanto, dependente de outra: a docente.

Para compreendermos essa questão, precisamos recorrer à perspectiva histórica, pois é ao produzir a história que o ser humano de fato se humaniza. O aporte teórico dos cursos de graduação muitas vezes é carente do estudo das obras clássicas, além do mais, a formação inicial é insuficiente para o exercício da docência; o profissional precisa adotar uma postura curiosa e natureza de pesquisador, tornando sua prática fundamentada e reflexiva, coerente e crítica, difundindo por meio de suas considerações e interações com o graduando, uma educação sistematizada que capacite o outro e promova assim transformações sociais.

Assim, entendemos os clássicos como produções que descontam o homem e sua trajetória por meio de dilemas, personagens e contextos, abordando temáticas que discorrem sobre a existência humana, sobre as necessidades, conquistas e problemáticas que, embora específicas de um momento histórico, se mantêm atuais e, portanto, pertinentes ao hoje. Assim já pensava Calvino (2007) ao formular que os clássicos têm a competência de interagir com a cultura, marcando seus traços e perpetuando-se no tempo e espaço, no que diz respeito à continuidade cultural. Os autores clássicos, ao abordarem as características e problemáticas do tempo e espaço em que vivem, conservam características e temáticas que não são restritas a esse tempo e espaço, ao contrário, estabelecem intertextualidade com a era moderna, pois ainda que tratem de um período terminado, dialogam com as questões contemporâneas com maestria, mantendo-se atual e pertinente ao nosso contexto.

Dessa maneira, as obras clássicas nos possibilitam a reflexão acerca da realidade, desenvolvendo uma consciência cultural lapidada, que promove o amadurecimento intelectual e sociocultural do indivíduo; ou seja, os clássicos proporcionam o entendimento histórico e as mudanças que, embora ocorridas no passado, interferem no nosso presente histórico, nesse aspecto, consideramos que esse diálogo entre o passado e o presente favorecido pelos clássicos, fomentam as experiências coletivas e muito podem contribuir para a melhoria na qualidade da educação.

No caso da formação docente, a leitura de autores clássicos torna a prática mais fundamentada e concisa, conferindo ao futuro educador noções necessárias à sua atuação e autonomia para ensinar

com segurança, o aporte teórico é o que sustenta a prática, caso seja fragmentado, de má qualidade ou insuficiente, formará profissionais diplomados, porém inaptos para função de ensinar. Os clássicos conferem ao homem a oportunidade de conhecer e entender interdisciplinarmente a história humana, a natureza humana e, no caso dos professores, isso nos parece extremamente pertinente – não são eles que estarão na linha de frente da formação humana e intelectual?

Compreender a existência e as questões humanas ao longo da história possivelmente propiciará ao professor um ensino de qualidade e ao aluno uma aprendizagem eficaz. Além disso, Calvino (2007) elucida que a leitura dos clássicos, transforma o homem ao passo que melhora o vocabulário, e consequentemente a escrita e o pensar, favorece o pensamento reflexivo, desenvolve conceitos atemporais, o que, em nosso entendimento, torna o leitor mais ativo, seletivo e crítico, capaz de estabelecer relações entre contextos distintos, evidenciando o desenvolvimento humano e social por meio da Literatura e da história. Se o professor assume esse caráter, certamente transmitirá essas concepções ao seu aluno, contribuindo para uma formação mais consciente, menos fragmentada, de maior qualidade e eficiência.

### **Considerações Finais**

A análise desenvolvida ao longo deste artigo permitiu constatar que a Literatura clássica desempenha papel significativo na formação humana e educacional. Conforme discutido no primeiro objetivo específico, a Literatura, ao representar e reinterpretar experiências sociais, históricas e culturais, constitui um instrumento fundamental para o desenvolvimento da sensibilidade, da reflexão crítica e da consciência histórica. Sua função humanizadora amplia a compreensão dos sujeitos sobre si mesmos e sobre o mundo, fortalecendo processos formativos que ultrapassam o campo estético e alcançam dimensões éticas, sociais e culturais, essenciais à constituição do ser humano em sua integralidade.

No que se refere ao segundo objetivo específico, evidenciou-se que a Literatura clássica contribui de maneira expressiva para a formação humana e educacional ao promover a ampliação da consciência histórica, cultural e crítica dos sujeitos. As obras clássicas, por sua permanência histórica e densidade simbólica, possibilitam o diálogo entre passado e presente, favorecendo a compreensão das relações humanas, sociais e educativas. Ao problematizar valores, comportamentos e estruturas sociais, os clássicos estimulam o pensamento reflexivo, ampliam o repertório cultural e contribuem para a formação de sujeitos mais críticos, conscientes e sensíveis às contradições da realidade.

Conclui-se, portanto, que a Literatura clássica deve ser compreendida como parte constitutiva da formação humana e educacional, não apenas enquanto patrimônio cultural, mas como um direito formativo. Sua inserção nos processos educativos contribui para o fortalecimento do pensamento

crítico, da consciência histórica e da formação cultural dos indivíduos. Embora a formação docente não tenha sido o foco central deste estudo, observou-se que os clássicos repercutem positivamente sobre a prática pedagógica, oferecendo bases teóricas, culturais e interpretativas que qualificam o trabalho educativo. Dessa forma, a Literatura clássica reafirma-se como um elemento indispensável à formação integral dos sujeitos e à consolidação de práticas educativas mais conscientes e fundamentadas.

## Referências

BARTHES, Roland. **A aula**. São Paulo: Cultrix, 1978.

BATISTA, Viviane da Silva; IWASSE, Lilian Fávaro Alegrâncio; FIM, Verediana Fernandes Sobradiel; PEREIRA, Geovana Morassutti. História e literatura clássica: arquétipos sociais que ensinam. In: AZEVEDO NETO, Joachin Melo (Org.). **História, literatura e sociedade: políticas, reflexões e memórias em pesquisa**. Guarujá, SP: Científica Digital, 2022. p. 11-31.

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou, O ofício do historiador**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

CANDIDO, Antônio. **A Literatura e a formação do homem**. Ciência e Cultura, São Paulo, USP, 1972.

CANDIDO, Antônio. O direito à Literatura. In: CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2011.

LAJOLO, Marisa. **Literatura: leitores e leitura**. São Paulo: Ática, 1981.

LEONEL, Zélia. Pra ler os clássicos: lições de Montaigne. **Revista InterMeio**, v. 04, n. 08, p. 6-16, Campo Grande, MS, 1998.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** 20. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

OLIVEIRA, Terezinha; MENDES, Claudinei Magno Magre. Reflexões sobre os clássicos na história. In, OLIVEIRA, Terezinha (Org). **História historiografia da educação nos clássicos: estudos sobre antiguidade e medievo**. Dourados: UEMS, 2010.

PAULINO, Eliana; COSSON, Rildo. **Leitura e patrimônio cultural**. Perspectiva, v. 22, n. 2, 2004.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas Literaturas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SAVIANI, Dermeval; DUARTE, Newton. **Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar**. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

SOUZA, Renata Junqueira (Org.). **Caminhos para a formação do leitor.** São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2004.

TODOROV, Tzvetan. **A Literatura em perigo.** Rio de Janeiro: Difel, 2010.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel T. da. **Literatura e pedagogia: ponto e contraponto.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

**Recebido:** 01/11/2025.

**Aceito:** 12/12/2025.

**Publicado:** 18/12/2025.

